



Universidade do Minho
Biblioteca Pública de Braga

A Crise Académica de 1962

Perspetiva documental



EXPOSIÇÃO

Átrio da Biblioteca Pública de Braga, Praça do Município
segunda a sexta-feira das 09:30h às 17:30h

23 de março a 29 de abril de 2022

Apresentação

A 24 de março de 1962, apesar da proibição decretada pelo regime, os estudantes da Universidade de Lisboa desafiavam o poder político com a celebração do *Dia do Estudante*. Uma revolta que teve greve às aulas, cargas policiais e prisões em massa como em França seis anos depois. Mas do março de 62 português nada se leu no Jornais. A censura de Salazar que, procurou aumentar o controlo sobre as atividades associativas, conseguiu esconder um dos mais expressivos levantamentos contra o Estado Novo.

Comemora-se em 2022 sessenta anos sobre a contestação estudantil portuguesa que iniciou o movimento social conhecido como a *Crise Académica de 62*, e cujo espírito revolucionário abalou o regime de então. “A unidade de hoje pela união de amanhã”, é uma das frases de ordem que se inscreveu nos panfletos que foram distribuídos no início de março desse ano e que perdurou indissociável a este movimento.

Tendo sido um momento marcante na história da segunda metade do século XX, com repercussões significativas na relação dos estudantes com o poder político, a Biblioteca Pública assinala esta data procurando dar a conhecer diversas visões sobre o que foi esta crise estudantil, as suas origens, os seus momentos mais importantes, mas sobretudo as suas consequências contra o Estado Novo.

Assim, e por ocasião do 60º aniversário da Crise Académica de 1962, a Biblioteca Pública de Braga promove uma exposição bibliográfica e documental sobre um acontecimento que ultrapassou as fronteiras do movimento estudantil, dando destaque a obras publicadas em Portugal naquele ano e nos anos subsequentes, a documentos essenciais para se reconstituir os momentos mais importantes deste acontecimento, mas também a publicações atuais que se dedicaram ao tema.

A exposição que se apresenta está organizada em torno dos seguintes núcleos: Estudos e trabalhos académicos; Testemunhos e contributos memorialistas; A imprensa e a atividade panfletária da luta estudantil na Crise de 62; A “crise” da Universidade; O movimento estudantil e a “contestação” ao Estado Novo; e, o Dia do Estudante e sua representação na atualidade.

Visitas guiadas

24 de março: 11:00h * | 6 de abril: 17:00h * | 26 de abril: 17:00h *

* sujeita a inscrição prévia (atividade gratuita; vagas limitadas); duração: 15/20 min.

ESTUDOS E TRABALHOS ACADÉMICOS

Movimentos estudantis em Portugal: 1945-1980 / Nuno Caiado ; pref. Jorge Sampaio . - 1ª ed . - Lisboa : Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1990 . - 307 p. ; 24 cm .

BLCS: DP 92887

Um dos primeiros estudos que apareceram em Portugal sobre a crise académica de 1962 é o trabalho de Nuno Caiado (1990) que, a partir de entrevistas e da imprensa estudantil, perspetiva a evolução dos movimentos estudantis em Portugal do pós-guerra até à entrada dos anos oitenta.

Todos os trabalhos que se seguiram remetem de uma forma ou da outra para este primeiro estudo, que contribuiu para estabelecer os pontos fundamentais da trajetória histórica do movimento, assim como à definição dos momentos mais importantes, como a da crise de 1956, de 1962 e de 1969.

Sobre este estudo, Jorge Sampaio enfatiza, no seu prefácio, que estando a história dos movimentos associativos estudantis, em grande parte, por fazer, em particular na sua vertente de luta pelas liberdades públicas e contra a ditadura, “este livro constitui um marco nessa avenida aberta mas ainda não percorrida”. Para esta personalidade, este trabalho académico é particularmente importante, “pela luz sociológica e política que pode lançar sobre um prolongado período em que a condição estudantil e os protagonistas que ela gerou abalaram seriamente o poder político.”

Movimento estudantil e crise do Estado Novo: Coimbra 1962 / Álvaro Garrido . - Coimbra : Minerva, 1996 . - 254 p. : il. 21 cm .

HG 6412 A

Em 1996, Álvaro Garrido publica, como pequenas alterações, a sua dissertação de mestrado em História Contemporânea, defendida, dois anos antes, na Faculdade de letras da Universidade de Coimbra, em torno da “crise de 62” e período antecedente. Circunscrito ao caso de Coimbra, o autor contribuiu de forma relevante para a edificação de uma memória historiográfica das contestações estudantis de 1962.

De realçar que este trabalho foi vencedor, por unanimidade, do Prémio de História Contemporânea Victor de Sá em 1995.

Efervescência estudantil: estudantes, acção contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)/ Guya Accornero . - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Tese de doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade de Sociologia Histórica, 2009

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/321/1/21725_ulsd058076_td.pdf

De acordo com este trabalho académico, cuja abordagem sociológica é centrada na análise deste movimento social, “O movimento estudantil, um dos mais activos contra o Estado Novo nas suas últimas décadas, intensificou-se a partir de 1956, quando os estudantes conseguiram bloquear a tentativa do Governo de pôr as associações académicas sob o seu controlo. Isso coincidiu com uma conjuntura internacional que provocou profundas consequências na política contenciosa.” Neste contexto, sublinha ainda que “A nível interno, os seus efeitos foram amplificados pela campanha eleitoral do General Humberto Delgado em 1958 e pelo início da guerra colonial em 1961. Estes factores contribuíram para a emergência em Portugal de um amplo ciclo de protesto, que concorreu para a politização do sector estudantil e na sua fase final, caracterizada por uma forte repressão, para a radicalização da oposição política, com o aparecimento das primeiras formações maoistas.”

Por outro lado, a autora concluiu ainda que “A mobilização e politização estudantil, por seu lado, estendeu-se através um mecanismo de difusão a variados sectores sociais, como o das Forças Armadas, e contribuiu para criar as condições para a mobilização que caracterizou a primeira fase da transição portuguesa, aberta pela Revolução de 25 de Abril 1974. Este ciclo de protesto confluirá, portanto no chamado Processo Revolucionário em Curso (PREC), começando a refluir só depois das eleições de 25 de Abril 1975.”

TESTEMUNHOS E CONTRIBUTOS MEMORIALISTAS

A Primavera que abalou o regime. A crise académica de 1962 / João Pedro Ferro . - Lisboa : Presença, 1996

BLCS: BPBUM 137194

Durante os meses da Crise Académica de 1962, foram sendo produzidos, pelos organizadores do movimento estudantil, comunicados diários ou quase diários, que expunham os principais factos que se estavam a passar e a interpretação que aos mesmos era dada pelo movimento. Além desta documentação, outras notícias foram publicadas na imprensa, sem contar com comunicados emanados das próprias escolas participantes no movimento.

Este livro procura compilar, pela 1ª vez, todas essas fontes, cujo interesse para a história portuguesa é manifesto, já que a Crise Académica de 62 atingiu também a estrutura do estado

ditatorial, abalando-o nos seus fundamentos. O livro contém igualmente uma pormenorizada cronologia, um volume considerado de notas explicativas e três textos introdutórios, devidos a participantes no movimento, um do lado docente e dois do lado discente.

Grandes planos: oposição estudantil à ditadura - 1956-1974 / Gabriela Lourenço, Jorge Costa, Paulo Pena . - 1ª ed . - Lisboa : Ancora, 2001

BLCS: BLPBD 187504

Foi em grande parte pela revisitação das memórias dos estudantes portugueses que enfrentaram uma ditadura que os jornalistas Gabriel Lourenço, Jorge Costa e Paulo Pena organizaram este livro.

Baseado nas entrevistas realizadas a cerca de quarenta estudantes dos anos de 1956-74, este livro teria cometido injustiças imperdoáveis se quisesse anunciar-se exaustivo. Limitando-se ao levantamento dos momentos centrais das mobilizações estudantis que abalaram os últimos dezoito anos do regime, este texto é fruto da dificuldade em encontrar gente cujas lides atuais são menos visíveis que as de outrora.

Anos inquietos: vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974) / org. e pref. Maria Manuela Cruzeiro, Rui Bebiano ; entrevistas conduzidas por Maria Manuela Cruzeiro . - [Porto] : Afrontamento, 2006 . - 305 p. : il. ; 24 cm .

BLCS: DP 274031

Ao viajarem pela memória do seu passado individual e coletivo, sete ativistas do movimento estudantil de Coimbra na década e meia que precedeu a queda do Estado Novo – Eliana Gersão, Carlos Baptista, Fernando Martinho, José Luís Pio Abreu, Fátima Saraiva, José Carvalheiro e Luís Carlos Januário – revisitam a complexidade de um ambiente e de um tempo marcados pela crise da universidade, pela repressão política, pela guerra colonial e pela paralisia do regime. Mas também pela esperança, pela audácia e pela inquietude de uma geração que nele se não reconhecia.

Com organização e prefácios de Maria Manuela Cruzeiro e Rui Bebiano, esta publicação que trouxe à superfície elementos importantes que apenas à memória oral cabe documentar, ao mesmo tempo que se revelou um contributo indispensável para o esboço de uma espécie de história sentimental do empenhamento político da época.

CDRom A Crise de 62, edição da Fundação Mário Soares, 2007

Coleção particular

Assinalando o 45.º aniversário da Crise de 62, a Fundação Mário Soares editou um CD-ROM com documentos e fotografias dos principais acontecimentos que então se verificaram, reunindo mais de 300 documentos (com mais de 1.000 páginas), 120 fotografias, 400 primeiras páginas do Diário de Lisboa da época e ainda testemunhos de alguns dos participantes da Crise.

1962: a crise académica / ed. coord. António Simões do Paço ; colab. Ana Rajado... [et al.] . - [Lisboa] : Planeta de Agostini, cop. 2008 . - 201, [7] p. : il., fot. ; 25 cm

BLCS: DP 281502

A 24 de março de 1962, o Dia do Estudante é proibido pelo Ministério da Educação, Lopes de Almeida. Na véspera, o Governo encerrara a Cantina, em Lisboa, e pusera polícia na Cidade Universitária. Encetava-se uma “crise académica” que iria saldar-se pelo divórcio definitivo entre estudantes universitários e o regime.

A propósito desta data, esta publicação regista que esse ano foi igualmente marcado por outros acontecimentos, que, apresenta ao leitor, permitindo ao leitor uma leitura enquadrada da Crise de 1962: em Moçambique é criada a FRELIMO, tendo por presidente Eduardo Mondlane; em Argel, funda-se a Frente Patriótica de Libertação Nacional; em Roma, abria o Concílio Vaticano II, que iria impulsionar o aggiornamento da Igreja.

100 dias que abalaram o regime: a crise académica de 1962 / coord. Artur Pinto ; Alexandre Alves Costa... [et al.] ; pref. António Sampaio da Nóvoa, José Maria Brandão de Brito, João Marecos . - 1ª ed . - Lisboa : Tinta da China, 2012 . - 151 p. : il. ; 22 cm

BLCS: DP 338573

É de toda a rica experiência de luta da Crise Académica de 62 que se fala neste livro, pela voz de muitos dos seus principais intervenientes: desde José Medeiros Ferreira, Jorge Sampaio, José Marques Felismino a Eurico Figueiredo, passando por Maria Benedicta Monteiro, Manuela Bernardino, José Augusto Rocha, Campos Morais e Alves Costa, Ruben de Carvalho e Teresa Tito de Morais.

As diversas fases da luta estudantil podem também ser acompanhadas através de uma completa cronologia que abarca o período que vai de 1952 a 1962.

“A noite em que 1500 estudantes foram presos” in: Revista nº 2056 (24 mar. 2012)
. - Jornal Expresso . - Lisboa: Expresso, 2012-2015; 30 cm, páginas 32 - 39

PPJ

Nos 50 anos da revolta estudantil em Lisboa (2012), o Jornal Expresso levou os principais dirigentes da Crise Académica de 1962 a visitar os locais de maior simbolismo: a cantina da greve da fome, a reitoria, o estádio universitário, os calabouços do Governo Civil, o quartel da polícia de choque e a prisão de Caxias

Dos participantes nesta iniciativa fizeram parte José Picão de Abreu, Maria da Conceição Jordão, José Felismino, António Taborda, Carlos Portas, Carlos Morais, Álvaro Soares de Melo, Daniel Ricardo, Isabel do Carmo, Maria João Gerardo, Joana Lopes, Jorge Galamba, Joaquim Letria, Henrique Schwarz, Artur Pinto, Pedro Borges, Aguinaldo Cabral, Paulouro das Neves, Jorge Sampaio e António Melo. Todos estes protagonistas são chamados a partilhar com o leitor as suas vivências, as suas memórias deste singular momento académico.

Universidade: processo de uma expulsão disciplinar / Francisco Salgado Zenha, Jorge Sampaio, Jorge Santos . - Lisboa : [s.n.], 1967 . - 118, [2] p. 23 cm

SC 5380 V

Livro em que os advogados de José Manuel de Medeiros Ferreira, então aluno da Faculdade de Letras de Lisboa e ex-candidato a deputado pela Oposição, reúnem as peças com que recorreram judicialmente da sentença de expulsão temporária da Universidade aplicada àquele estudante, que viria a ser ministro dos Negócios Estrangeiros do primeiro governo socialista seguinte ao 25 de Abril.

Nesta publicação é igualmente apresentada a Alegação para o supremo Tribunal Administrativo do recorrente José Manuel de Medeiros Ferreira defendida pelos advogados Francisco Salgado Zenha, Jorge Sampaio e Jorge Santos, assim como a nota oficiosa do Ministério da Educação Nacional de 29.10.1965.

A “CRISE” DA UNIVERSIDADE

A crise da Universidade em Portugal: reflexões e sugestões / J. P. Miller Guerra, A. Seda Nunes . - Lisboa : [s.n.], 1969 . - 54 p. 24 cm

FG 1 (12) [pag. 15]

Os autores iniciam as suas reflexões sobre a Crise da Universidade em Portugal (1969) sustentando que: “Duas ordens de motivos colocaram os problemas universitários na primeira linha dos que mais ocupam, presentemente, a atenção dos governantes, num grande número de países. Por um lado, os movimentos estudantis despertam sérias preocupações de índole política. Por outro lado, tomou-se consciência de que as Universidades tradicionais se revelam frequentemente incapazes de formar, na quantidade e com as habilitações necessárias, os quadros científicos e técnicos indispensáveis ao desenvolvimento económico, social e cultural.”

Nesta publicação, os autores centram a análise desta crise da Universidade em 4 aspetos essenciais: o movimento estudantil; as formas de acesso às Universidades; as relações da Universidade com a vida nacional; as implicações do desenvolvimento económico e da evolução sociocultural sobre os sistemas universitários. Na 2ª parte desta publicação apresentam algumas sugestões para a definição de uma política de reforma universitária, no nosso país.

«A expansão do sistema de ensino e a movimentação estudantil» / Rui Grácio, in António Reis, dir. . - *Portugal contemporâneo*, vol. V, Lisboa, Alfa, 1996, pp. 221-258.

HG 3886 P

O artigo de Rui Grácio, autor consagrado no domínio da Sociologia da Educação, sintetiza assim, o seu texto:

“Durante o período considerado, o facto mais relevante no campo educativo é a expansão do sistema do ensino, por efeito de um aumento da procura de educação, induzido por transformações sociais articuladas ao crescimento económico. Os desajustamentos entre a procura e a oferta de educação vão manifestar-se em carências, disfunções e atrasos do sistema de ensino. Nos quinze anos em consideração, a expansão – apesar de tudo comparativamente modesta – do sistema vai colocar aos dirigentes políticos, após a saturação do crescimento do ensino primário, e sucessivamente, os problemas do prolongamento da escolaridade obrigatória, logo no início da década de 60, os da reconversão dos ensinos secundários na transição para a década de 70 e, nestes, com maior acuidade, os da diversificação e regionalização do ensino superior.”

Este artigo centra a sua atenção nos seguintes tópicos: um aparelho centralizado, uma ideologia nacional-cristã; o Decreto-lei nº 40 900 e o despertar de um associativismo estudantil de massas; planeamento educativo para uma economia “moderna”; um associativismo estudantil ideologicamente bipolarizado; “A unidade de hoje pela união de amanhã”: o “Dia do Estudante e a crise académica” de 1962; Prolongar a escolaridade obrigatória num sistema de ensino em expansão; “Recompôr um edifício abalado”: enquadramento e repressão; “Por uma Universidade nova, livre e democrática num Portugal novo”: a “crise académica” de 69; Pacificar as escolas superiores, promover a reforma global do ensino: Veiga Simão; Reconverter o secundário e diversificar e regionalizar o superior num sistema de ensino em

expansão; Na Oposição: desenvolvimento, democratização educativa, democratização política; A “batalha da educação” e a “democratização do ensino” ou as missões impossíveis.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL E A “CONTESTAÇÃO” AO ESTADO NOVO

“Movimentos estudantis”/ Marta Benamor Duarte in Dicionário de história do Estado Novo / dir. Fernando Rosas, J. M. Brandão de Brito; coord. e pesquisa iconográfica Maria Fernanda Rollo. - [Lisboa]: Círculo de Leitores, 1996. – 2º v.: il.; 26 cm, p. 640- 645

OR

O verbete de Marta Benamor Duarte sobre os movimentos estudantis desenvolve-se em 4 capítulos:

I. 1926-1945: a Ditadura Militar e o Estado Novo até ao fim da segunda Guerra Mundial; II. 1945-1960: o fim da guerra e os anos que se lhe seguiram até ao termo da década, que foram palco de uma intensa agitação social e política a que muitos universitários, mais uma vez ficaram indiferentes; III. 1961-1968: a guerra colonial e o surgimento, essencialmente à esquerda, de novas tendências políticas rivalizadoras do PCP – desde os católicos progressistas militantes às organizações de luta armada, passando pelos primeiros grupos de inspiração maoísta; IV. 1969 -1974: A partir dos derradeiros anos da década de sessenta que a expressão “movimento associativo” passa a estar definitivamente ultrapassada. Para os períodos anteriores já se preferia usar “movimento estudantil” mas a verdade é que até aqui este se circunscrevera, ainda que com algumas exceções, às dinâmicas próprias das associações e dirigentes associativos universitários.

«Movimento Estudantil» / Ferreira, José Medeiros, in António Barreto e Maria Filomena Mónica, coord. . - *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Figueirinhas, 1999 . - 8º vol, p. 552 – 555

OR

O verbete de José Medeiros Ferreira sobre o movimento estudantil sublinha que esta expressão só ganhou sentido nos meados dos anos cinquenta quando as Associações Académicas reclamaram, primeiramente, uma legislação mais adequada para as atividades circum-escolares e, depois, se opuseram à aplicação do Decreto-Lei nº 40 900 de 12 dezembro de 1956.

Neste artigo o autor faz uma descrição dos principais acontecimentos desde 1956 até ao derrube da ditadura.

Movimento estudantil e política educacional / Rui Namorado . - [S.l.] : R. Namorado, 1972 . - 165, [3] p. 18 cm

SC 4532 A

Os textos que integram este livro abrangem um período que vai desde março de 1965 até novembro de 1971. Refletem fases dessa luta em Coimbra e incidem sobre alguns dos principais aspetos dessa problemática. São, por isso, relances sobre a luta estudantil e sobre a problemática educacional, vista sob um prisma essencialmente político.

Alguns destes textos foram escritos quando o autor era ainda estudante, outros quando já o deixará de ser. Alguns são reprodução fiel da sua primeira versão publicada há mais ou menos tempo, por vezes em períodos bem diversos do atual.

O autor, podia ter optado por fundi-los todos num único estudo que os unificasse numa mesma perspetiva. Preferiu deixá-los permanecer autónomos numa tentativa de melhor documentar, não só a dinâmica da realidade universitária, como a evolução de algumas perspetivas básicas do movimento estudantil e da problemática educacional.

Os estudantes no regime fascista / Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista . - [S.l. : s.n.], 1983- . - v. 21 cm . -Vol. 1 : imp. 1983 . - 199 p. : il.

DL 45176

Este livro será o primeiro de uma série relatando a ação dos estudantes portugueses durante o longo período da ditadura militar e corporativa desde o seu advento em 28 de maio de 1926 até ao seu derrube em 25 de abril de 1974.

Neste volume o período tratado respeita aos anos de 1926 a 1934, referindo a sua ação não só em defesa das suas reivindicações como na luta pela reconquista da liberdade e da democracia.

A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no Marcelismo / Miguel Cardina . - Coimbra : Angelus Novus, D.L. 2008 . - 255 p. : il. ; 24 cm

BLCS: DP 285873

Decorridas mais de três décadas sobre a queda do Estado Novo, as lutas estudantis travadas contra o regime de Salazar e Marcelo Caetano continuam a dispor de um lugar relevante na memória coletiva. Partindo do caso concreto de Coimbra, a tradição da Contestação aborda a dissidência política e cultural que atravessa as universidades entre 1956 e 1974, focalizando a análise no período marcelista. Durante estes anos, um vasto processo de politização acentua-se nas práticas e nos discursos estudantis, contribuindo de forma decisiva para a quebra de legitimidade que a ditadura experimenta no seu troço final.

Esta publicação corresponde, com alguns acrescentos, à dissertação de mestrado que o autor, Miguel Cardina, defendeu na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A canção de Coimbra em tempo de lutas estudantis (1961-1969): a vertente tradicional em época de mudanças e o Movimento das Trovas e Baladas como Canto de Intervenção Académico (por ocasião dos 40 anos da Crise Académica de 1969) / Jorge Cravo . - Coimbra : Minerva, 2009 . - 134 p., [14] p. fot. ; 17x21 cm

BLCS: DP 304997

Abordando, como o próprio título desta publicação indica, a temática da canção de Coimbra em tempos de lutas académica, o autor enfatiza, no essencial, o seguinte:

“não é possível falar da Canção de Coimbra dos anos 60, sem se elaborar uma retrospectiva do que ela era na década de 50. É que, nos finais desta década, as movimentações daqueles que partiam e chegavam, acabaram por criar a vaga de fundo que haveria de sustentar os alicerces daquilo a que se veio a denominar de Canto de Intervenção ou Movimento das Trovas e Baladas e que marcou presença ao lado do Movimento Associativo e Estudantil da Academia de Coimbra durante a década de 60.”

Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje / Celso Cruzeiro . - 3ª ed . - Porto : Afrontamento, 2010 . - 277 p., [8] f. est. ; 24 cm

BLCS: DP 342020

Abordando o movimento associativo coimbrão de 1969, o advogado e antigo dirigente estudantil Celso Cruzeiro deu à estampa “Coimbra 1969- a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje”, apresentando os acontecimentos desta crise numa perspetiva, de certo modo, “militante”.

A sinopse desta publicação refere-se assim a este movimento: “O combate e a festa que envolveram a luta não se puderam resumir num acto, antes constituíram um processo, rico e multifacetado, longe de se poder definir ou compartimentar ideologicamente, mesmo à chegada. Ele representou claramente a expressão própria de um grande movimento, contraditório no âmago das forças que o integraram globalmente, mas dirigido por correntes

marxistas críticas e inovadoras, fora dos cânones clássicos do modelo de desenvolvimento tradicional do movimento associativo.”

De acordo com o autor, a crise académica de 1969 revelou “a novidade de muitos aspectos da luta da juventude europeia contra a ideologia produtivista e desumanizante das denominadas sociedades industriais do ocidente e do leste europeus. Aflorou aspectos claros de mutação radical de gestão do espaço das nossas vidas, da ocupação do quotidiano e do significado da condição estudantil. Por isso a raiz cultural assumia tão grande importância no desabrochar dos novos caminhos.” Refere ainda que este “percurso foi espontaneamente «regulamentado» pelas especiais condições que caracterizavam a vida universitária na cidade e pelos parâmetros que balizavam as metas políticas da luta contra o fascismo e contra a guerra.”

Bracarenses na crise académica de 1969 / coord. José Viriato Capela e Henrique Barreto Nunes . - Braga : UMinho Editora, 2019 . - 123 p. : il. 23 cm

FG 553

Há 50 anos Coimbra viveu uma Crise Académica que abalou fortemente o regime de Salazar/Caetano e pôs em causa a universidade portuguesa. Dez dos jovens estudantes bracarenses que nela participaram deixam neste livro o testemunho desse tempo singular que marcou decisivamente as suas vidas. Mas também na sociedade bracarense essa Crise teve reflexos, evidentes na exposição que os pais dos estudantes apresentaram ao Ministério da Educação e na carta com que os “Democratas de Braga” contestam com veemência a ausência de diálogo e a posição repressiva e violenta do Governo, documentos que aqui são integralmente reproduzidos.

Ainda nesse âmbito foi amplamente divulgada pela D. G. da Associação Académica de Coimbra uma entrevista que o doutor Victor de Sá então expressamente concedeu sobre o ensino e a investigação histórica em Portugal, comentada pelo Professor Luís Reis Torgal da Universidade de Coimbra, contributos que muito valorizam esta obra.

A IMPRENSA E A ATIVIDADE PANFLETÁRIA DA LUTA ESTUDANTIL NA CRISE DE 62

“Sobre o 40.900” in: Jornal Via latina . - nº 137 (31 jan. 1962) / propr. da Associação Académica de Coimbra

PPJ

No jornal Via Latina, órgão da Associação Académica de Coimbra de janeiro de 1962, o artigo de José Óscar Monteiro faz várias reflexões sobre o decreto-lei nº 40 900, destacando-se o seguinte:

“Os discriminatórios poderes de intervenção que são concedidos ao Ministério da Educação Nacional, e que excedeu o plano da admissível fiscalização, a desequilibrada conceção do nível da colaboração com o corpo Docente, reveladores de um espírito de ingerência, presente na autorização do diretor da escola para a realização de quaisquer atividades culturais (1º do artº 5º), na restrição de contactos interassociações (artº 6º), na supressão de contactos internacionais diretos (artº 7º), na ingerência compulsiva do delegado do diretor da escola em toda a atividade associativa (artº 13º), reveladores de um espírito que se substitui na rotina de rígidas prescrições regulamentares ao entusiasmo e às dedicações daqueles que são capazes de tudo dar e oferecer só pelo desejo de servir. (...)”

É este, mais salientemente, o carácter antipedagógico do Decreto nº 40 900, impondo em vez de unir, gorando em vez de propiciar a colaboração que se prevê utilíssima entre Professores e Alunos nas atividades circulo-escolares e na universidade integrando e alargando o âmbito e o espírito universitários.”

“Encontro Nacional de Estudantes, Coimbra 9 a 11 de março, Programa...” *in*: Jornal Via latina . - nº 140 (28 fev. 1962) / propr. da Associação Académica de Coimbra

PPJ

O jornal Via latina, de 28 de fevereiro de 1962, anuncia o programa do Encontro Nacional de Estudantes e as temáticas a abordar:

“Na reunião nacional de dirigentes, realizada nos dias 3 e 4 de Fevereiro, na Associação de Económicas de Lisboa, ficou definitivamente resolvido realizar o Encontro Nacional de Estudantes nos dias 9, 10 e 11 de Março em Coimbra.

Assentou-se no programa de trabalhos a levar a cabo, ficando a AAC de enviar o mesmo programa às diversas Associações de Estudantes, para que possam devidamente estruturar as suas intervenções de maneira que as conclusões a apresentar à Assembleia Plenário do Encontro constituam um passo decisivo de esclarecimento e consciencialização dos estudantes portugueses. (...) o Encontro versará fundamentalmente os problemas sociais e pedagógicos dos estudantes, certo como é que estas matérias contêm implicações verdadeiramente essenciais à sobrevivência dos estudantes e nem sempre têm sido alvo da atenção que merecem.”

[Nota oficiosa do Ministério da Educação Nacional que se pronuncia sobre a “acção declarada subversiva” do Dia do Estudante]. -Diário de Notícias, 25 de março de 1962, p.1

PPJ

Comunicado nº 0, de 26 de março

Fundação Mário Soares

As Associações Académicas de Lisboa emitem o seu primeiro comunicado dando a conhecer os acontecimentos dos 2 últimos dias e declarando o luto académico. Em Coimbra, é também declarado o luto académico.

Comunicado nº 4, de 30 de março

Fundação Mário Soares

As AAEE protestam contra a censura que impede a publicação dos seus comunicados.

Comunicado nº 5, de 30 de março

Fundação Mário Soares

Publicado o Programa das Comemorações do (novo) Dia do Estudante

[Nota oficiosa do Ministério da Educação Nacional que declara que não é autorizado o “Dia do Estudante” na data em que os organizadores o têm anunciado] . - Diário de Notícias, 5 de abril de 1962, p. 1

PPJ

[Nota oficiosa do Ministério da Educação Nacional que declara que a agitação universitária constitui um dos objetivos da organização comunista portuguesa, que age de acordo com as diretivas que recebe de Moscovo] . - “Diário de Notícias”, de 8 de abril de 1962, p. 1

PPJ

Comunicado nº 11, de 9 de abril

Fundação Mário Soares

As Associações sublinham o seu carácter apolítico e areligioso, negando as acusações da nota oficiosa.

“Da Universidade caduca à Universidade Nova” – *in*: Quadrante . - nº 12 (abril de 1962) / propr. Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa ; dir. Orlando Neves

PP Findas

O Jornal “Quadrante”, órgão da Associação Académica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, enfatiza, no número de abril de 1962 que a Universidade não se cumpre como centro de formação profissional e que as causas desta deficiência se encontram no processo de ensino. Os autores deste artigo referem-se à falta de preparação pedagógica dos docentes, ao apelo na memória reprodutora das sebtas no processo de ensino, à desvalorização do espírito crítico do aluno, ao aumento do número de alunos sem o correspondente aumento do número de professores, à falta de comunicação dos alunos com os professores como causas deste problema. De acordo com os autores, todas estas condicionantes fomentam o individualismo e originam o abandono e o desinteresse por parte dos estudantes.

“Partindo da triste constatação duma decepcionante realidade para a meta esperançosa de um sonho”, os autores defendem que a Universidade portuguesa deverá ser “o núcleo capaz de dinamizar a conjuntura económica-social presente, um centro de formação profissional moderno e eficiente” e constituir-se como o impulso renovador da Universidade Nova. Para este efeito, sustentam ainda que “Com toda a pobreza dos seus meios, são os estudantes a empreender a batalha por uma cultura do universitário.”

Comunicado nº 21, de 9 de maio

Fundação Mário Soares

Os estudantes endurecem as formas de luta e decretam o luto académico total, com greve às aulas, frequências e exames e a cantina é ocupada por um grupo de mais de 80 alunos que iniciam uma greve de fome.

Em Coimbra, registam-se confrontos entre os estudantes e a polícia.

[Noticia que o Senado Universitário se considerou impotente para manter a ordem no edifício da cantina e de convívio e solicitou ao Ministério de Interior disposições para a evacuação daquele edifício] . - Diário ilustrado, 11 de maio de 1962, p. 1

PPJ

Comunicado nº 25, de 11 de maio

Fundação Mário Soares

Já depois da intervenção policial, noticia a provável prisão dos estudantes presentes na cantina, mantendo a decisão do luto académico total.

Comunicado nº 47, de 14 de julho

Fundação Mário Soares

As AAEE noticiam a expulsão de 21 estudantes das Universidades de Lisboa (entretanto, em Coimbra, foram expulsos outros 34 estudantes.)

[Noticia sobre a publicação do acórdão do Conselho Superior de Disciplina, que demite o Doutor Vitorino de Magalhães Godinho de professor catedrático do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos] . - Diário de Lisboa, 25 de agosto de 1962, p. 8

PPJ

O DIA DO ESTUDANTE E SUA REPRESENTAÇÃO NA ATUALIDADE

Projeto de Lei 404/IV/2 - Dia nacional do estudante . - Diário da Assembleia da Republica II série n.º 59/IV/2 1987.03.26, pág. 2411-2412

Oficiais

Já na Democracia, o projeto de diploma propõe a consagração do Dia Nacional do Estudante e faz, no seu preâmbulo referência aos acontecimentos de 1962, data em que o regime tentou limitar a livre expressão do associativismo estudantil. Refere ainda que, a partir desse ano, as associações de estudantes passaram a celebrar o dia 24 de março como *Dia Nacional do Estudante*, realçando o facto de esta manifestação se encontrar ligada à luta pela melhoria da qualidade do sistema de ensino e aos valores da liberdade, da democracia e da solidariedade.

Lei n.º 19/87 - Fixa o Dia do Estudante . - Diário da República n.º 125/1987, Série I de 1987.06.01, páginas 2183 - 2184

Oficiais

A Lei nº 19/87 consagra-se o dia 24 de março como *Dia Nacional do Estudante*. A comemoração deste Dia tem, designadamente, os seguintes objetivos: a) O estímulo à participação dos estudantes na vida escolar e da sociedade; b) A cooperação e a convivência entre os estudantes; c) A democratização e o desenvolvimento do ensino; d) A ligação dos estudantes com a comunidade.

Nesse diploma refere-se ainda que as comemorações deverão ser promovidas pelas associações de estudantes ou, nas escolas onde estas associações não existem, por outras estruturas representativas dos estudantes.

«Dia do Estudante» / José Medeiros Ferreira *in*: António Barreto e Maria Filomena Mónica, coord. . - *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa, Figueirinhas, 1999. - 7º vol, p. 520 – 523

OR

O artigo de José Medeiros Ferreira procura esclarecer o leitor sobre as origens do Dia do Estudante, referindo que a celebração deste dia passou, a partir do ano de 1962, a constituir um momento significativo da luta estudantil contra a ditadura e, a partir dos meados da década de sessenta, também contra a guerra em África. Faz uma breve descrição histórica até à sua consagração, como tal, fazendo referência que esta data é, formalmente, fixada para o dia 24 de março após a queda do regime do Estado Novo.

Agitar antes de ousar: o movimento estudantil "antipropinas" / Ana Drago . - Porto : Afrontamento, imp. 2004 . - 270 p. : il. ; 24 cm

BLCS: DP 243775

Esta publicação pretende traçar o caminho do movimento estudantil de contestação à política educativa nos primeiros anos da década de noventa e que teve como enfoque principal a luta contra o aumento da comparticipação dos e das estudantes nos custos das instituições universitárias, medida que ficou popularmente conhecida como aumento das propinas. Procura-se explicitar o modo como as lideranças associativas estudantis foram capazes de gizar uma estratégia de construção da contestação estudantil, a partir do manuseamento das características da identidade estudantil e juvenil da sociedade portuguesa através da construção de um discurso de reivindicação face ao Estado, que aponta as contradições entre

as deficiências das políticas educativas do pós-25 de abril e o modelo de desenvolvimento preconizado no contexto da integração no espaço da União Europeia.

Licenciada em Sociologia pela Universidade de Coimbra a autora colaborou, enquanto estudante, em diversas atividades associativas da Associação Académica de Coimbra, onde foi jornalista do Jornal Universitário e da Rádio Universidade de Coimbra.

Do activismo à indiferença: movimentos estudantis em Coimbra / Elísio Estanque, Rui Bebianho . - 1ª ed . - Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais, 2007 . - 196 p. ; 23 cm

BLCS: DP 429880

Sendo Coimbra geralmente considerada um microcosmo que, a muitos títulos, espelha a sociedade portuguesa no seu conjunto, esta publicação, partindo de um estudo de caso, oferece um importante contributo para o conhecimento da realidade do país e dos processos de intensa mudança que nele vêm ocorrendo desde os anos 60, em particular no que respeita aos comportamentos, estilos de vida, expectativas e formas de participação, ou de indiferença, de diferentes gerações de jovens universitários.

Trata-se de um trabalho fundamental para o estudo dos movimentos estudantis de Coimbra, baseado na análise cruzada de uma detalhada investigação da documentação histórica e de um inquérito sociológico. Ao longo do estudo os autores procuram aprofundar algumas vertentes menos conhecidas do movimento associativo e dos estudantes universitários no seu conjunto, quer durante as décadas de 1960-1970, quer na atualidade.

62: Antes contra a ditadura, agora contra a "indiferença", *in*: Jornal Público / dir. Vicente Jorge Silva . - 25 de março de 2012 (suplemento), p. 12 – 19

PP. Correntes

O artigo publicado no Jornal público, em 2012, sob o título *62: Antes contra a ditadura, agora contra a "indiferença"*, apresenta-se assim: “Em 1962, o país foi abalado por uma crise universitária que lançou sementes para a vitória da democracia. Lutava-se nessa altura por liberdades “primárias”, num cenário de ditadura.”

Para este artigo, e por ocasião da celebração do cinquentenário de 1962, sentaram-se na mesma sala três ativistas envolvidos num dos mais prolongados e relevantes episódios de desafio ao regime fascista, a crise estudantil de 1962 e três líderes atuais, representando as três maiores academias – Lisboa, Porto e Coimbra, que relatam as suas experiências.

O autor deste artigo sintetiza assim este “confronto” de gerações: “Meio século, uma revolução e uma cruel crise económica depois, o que separa os líderes estudantis dessa época dos actuais? Pelos vistos, pouco. E o encontro entre os veteranos e novatos mostra outra coisa. O que os une é ainda mais surpreendente: antes como agora, o inimigo é o regime.”

Contactos

Biblioteca Pública de Braga - UMinho
Largo do Paço
4704 -553 Braga – P
Telef: +351. 253. 601180
Email: bpb@bpb.uminho.pt
Info: www.bpb.uminho.pt